



HERDADE DA PESTANA | ASSUMAR, ALENTEJO

REGENERAR A PAISAGEM PELA ÁGUA

Em setembro entrevistámos Josef Holzer, especialista em gestão da água e regeneração de paisagens, cuja experiência prática se tem refletido em diversos projetos internacionais, incluindo Portugal e Espanha. Filho de Sepp Holzer, conhecido como o "agricultor rebelde" austríaco e pioneiro em permacultura, Josef prossegue esse legado com uma abordagem própria e pragmática.

Nesta conversa, partilha a sua visão sobre a Herdade da Pestana e explica como a retenção descentralizada de água pode ser decisiva para o futuro dos montados. **Por RUMINANTES | Fotos J. Holzer, FG, NM**



Josef Holzer é especialista em gestão da água e regeneração de paisagens, com trabalho em vários países, incluindo Portugal e Espanha.

A Ruminantes voltou, em setembro, à Herdade da Pestana (ver nº 54 da Ruminantes) para assistir aos primeiros trabalhos para a descentralização da retenção de água na herdade. O projeto foi idealizado por Josef Holzer, tendo por base os objetivos definidos por Maria Antónia e Luís Pinheiro Torres, proprietários e gerentes da exploração: “Queremos que a água que cai na propriedade fique na propriedade. Uma parte importante da água da chuva não fica nos terrenos, principalmente quando violenta e episódica, o que é cada vez mais comum. Apesar de na Herdade da Pestana

a água ser “relativamente abundante”, não nos conformamos em ver tanta água das chuvas correr em enxurrada, erodindo os solos e finalmente sair da nossa propriedade, porque precisamos de reservas de água para abeberamento animal, reserva estratégica, rega pontual, biodiversidade e embelezamento.” Ao longo de 17 dias, Holzer trabalhou na Herdade da Pestana, implementando as primeiras etapas do projeto. Encontrámo-lo ao volante de uma escavadora, a ferramenta que usa para esculpir a paisagem com uma mestria impressionante.

O CONTEXTO

Importa, para ajudar à compreensão do projeto, relembrar as principais etapas já percorridas, desde o início da reconversão da herdade (edição nº 54 da Ruminantes) A Herdade da Pestana — 220 hectares em Monforte, junto ao Assumar, iniciou um processo de viragem em 2022. Com esta base, Holzer entra numa fase em que os resultados já são visíveis e em que a sua atuação vai ajudar ainda mais a potenciá-los: ordenar fluxos hídricos, multiplicar pontos de retenção e ligar a água às áreas produtivas e de conservação. A meta é reduzir perdas por escoamento, aumentar a infiltração útil e dar previsibilidade ao sistema. Nesta entrevista, Holzer detalha a leitura que faz da Herdade da Pestana e defende a retenção descentralizada de água como intervenção decisiva para a resiliência produtiva e ecológica dos montados.

Quais foram os seus pensamentos e sentimentos sobre a paisagem diante de si, ao percorrer as estradas que o trouxeram à Herdade da Pestana?

Passei a conhecer bem esta paisagem ao longo de muitos anos de trabalho em Portugal e Espanha. Admiro verdadeiramente a beleza dos Montados e das Dehesas, mas muitas vezes entristece-me ver tantas destas áreas em declínio – a sofrer de erosão, falta de retenção de água e populações de árvores significativamente envelhecidas.

Existe uma razão pela qual o sistema de Montado foi estabelecido nesta região e clima, mas tais paisagens culturais só podem sobreviver e prosperar se forem ativamente geridas.

Não se pode protegê-las simplesmente colocando-as sob uma “cúpula de vidro”, protegendo árvores individuais e culpando doenças ou pragas em vez de reconhecer o problema sistémico. As árvores desaparecerão na mesma, o solo



Josef Holzer explica como se faz o transvase da água entre os dois reservatórios.



Neste “pond” recém-construído, são bem visíveis as linhas de erosão protegidas com pedras.

continuará a erodir, e assim por diante. A única forma de preservar esta paisagem é através de uma gestão responsável que aborde todos os aspetos deste sistema milenar de usos múltiplos – desde práticas de pastoreio inteligentes e compatíveis com o solo, até ao uso cuidadoso e à renovação das populações arbóreas. Muitas áreas estão sobreutilizadas ou sofrem de regimes de pastoreio que, ao contrário do passado, já não têm devidamente em conta o solo, a água e a vegetação. Ao mesmo tempo, as populações de árvores estão frequentemente tão envelhecidas que, se comparadas com demografia humana, se assemelham a lares de idosos – e as medidas de proteção são frequentemente tratamentos geriátricos. O que esta paisagem precisa verdadeiramente é de uma visão de futuro: um rejuvenescimento urgentemente necessário – e não mais desculpas.

Na sua palestra, “Where Water Runs, Make It Walk – Groundswell, 2024”, sublinhou a importância de conhecer a história de um lugar para poder desenhar o seu futuro. Referiu também um ditado conhecido do seu pai: “Toda a gente pode criar um paraíso, e a Natureza mostra-nos como se faz.” A partir do que conseguiu aprender e observar, como imagina a paisagem da Herdade da Pestana dentro de 20 anos? Já consigo ver uma melhoria significativa na vegetação e na biodiversidade como resultado da nova gestão do pastoreio. Esta tendência positiva continuará e terá também um impacto muito benéfico na infiltração da água, no controlo da erosão

e, assim, no equilíbrio hídrico geral da terra. Se, nas próximas etapas, a retenção descentralizada de água for melhorada e a população de árvores rejuvenescida, esta exploração conseguirá construir a resiliência necessária para se manter bem-sucedida a longo prazo, mesmo num futuro desafiante.

Contudo, este processo é uma maratona, não um sprint – uma jornada contínua e, acima de tudo, um processo permanente de aprendizagem pela experiência. Os processos biológicos levam tempo, e é preciso também aprender a observar com atenção suficiente para tomar as decisões certas. A curva de aprendizagem é muito acentuada no início. E embora a Herdade da Pestana já esteja a fazer muitas coisas corretamente e os resultados sejam claramente visíveis, daqui a dez anos olharão para trás e dirão: “Quando começámos, não sabíamos nada.” Quero dizer isto de forma positiva! Sublinha que o potencial é ainda muito maior do que se percebe no início.

Estou confiante de que a Herdade da Pestana caminha em direção a um futuro positivo.

Maria Antónia e Luis disseram-nos que, ao longo dos últimos meses, “discutiram várias possibilidades até chegarem a um desenho.” De que dados precisou para chegar a esse desenho?

Neste momento, ainda não temos um desenho para toda a área – a exploração é simplesmente demasiado grande. Tal conceito seria demasiado caro e complexo, ou então demasiado superficial. Decidimos, portanto, começar com pequenos projetos-piloto. Para esse

fim, foram realizados levantamentos preliminares geológicos e hidrológicos e desenvolvidos cenários possíveis, alguns dos quais já foram implementados. Durante este trabalho aproveitámos também para realizar outras investigações, que agora fornecem a base para desenvolver conceitos para subáreas adicionais (bacias hidrográficas) ou mesmo para um plano global. A Herdade da Pestana tem assim a oportunidade – com base na experiência adquirida até agora – de lançar um projeto de retenção de água a longo prazo, passo a passo. Esta abordagem é altamente prática, conduz a um desenvolvimento e implementação gradual do conceito e corresponde exatamente ao ponto em que o cliente se encontra.

Além disso, foi importante para nós não só criar um conceito mas também mostrar que a forma como é implementado é de importância decisiva. Um projeto pode estar perfeitamente planeado – mas se for mal executado, até o melhor plano é inútil. Infelizmente, os projetos de retenção de água são demasiadas vezes marcados por um planeamento deficiente e execução amadora: barragens inestéticas, taludes impróprios, localizações inadequadas, perda de solo fértil, e assim por diante. Isto não acontece apenas em Portugal, mas aqui parece-me particularmente grave, uma vez que a tradição agrícola valoriza de outro modo o estilo e a estética. Contudo, no que toca a movimentação de terras, a bela paisagem é muitas vezes desfigurada – para além da fraca funcionalidade de estruturas mal planeadas e executadas. Aqui, forma e função devem andar de mãos dadas. Um projeto bem funcional é

também esteticamente agradável – e se um projeto não funciona, nota-se. Acredito também ser importante moldarmos conscientemente os ambientes onde vivemos e trabalhamos. Só quando nos sentimos bem neles podemos levar uma vida plena e desenvolver uma ligação profunda à nossa paisagem cultural e à nossa terra. E é precisamente este sentido de ligação que constitui a base para a sua preservação e proteção. Se, por outro lado, tratarmos a nossa paisagem sem sentimento, endurecemo-nos – e mais cedo ou mais tarde tudo se perderá. É um processo lento, ao qual devemos ativamente contrapor-nos.

Brevemente, quais são as etapas para implementar o projeto?

a) Processo: levantamento preliminar e avaliação, desenho de cenários, decisão sobre âmbito, enquadramento legal, orçamento e calendário, organização de maquinaria adequada.
b) Implementação: levantamento detalhado no terreno, ajustes ao desenho e coordenação com o cliente, remoção e armazenamento da camada superficial do solo, trabalhos de construção com documentação contínua, reaplicação da camada de solo, sementeira e cobertura da área com *mulch*.

Para realizar estas obras, que maquinaria e mão-de-obra foram necessárias, e durante quanto tempo?

Realizámos os trabalhos de construção com dois operadores e supervisão técnica durante cerca de duas semanas. Foram utilizadas duas escavadoras Takeuchi TB290-2 com aproximadamente 9 toneladas e Powertilt – permitindo rodar ou inclinar qualquer balde em 180 graus, adaptando-o assim à inclinação do terreno. Este é um requisito básico para um trabalho eficiente e uma execução de alta qualidade.

Custa-me perceber porque é que esta tecnologia ainda não é padrão em grande parte da Europa, apesar de proporcionar uma melhoria significativa na qualidade, muito maior versatilidade e enormes poupanças de tempo – na minha estimativa, de pelo menos 50%. Na Áustria, uma escavadora sem Powertilt não é considerada atual, nem alugável, há pelo menos 25 anos.

A dimensão das máquinas usadas depende sempre da escala do projeto. No nosso caso, também poderíamos ter trabalhado com escavadoras de 15 toneladas; no entanto, como estas não estavam disponíveis com

Powertilt, optámos pelas máquinas mais pequenas.

A Herdade da Pestana está atualmente orientada para a produção de gado em regime de manejo holístico. Com a implementação deste projeto de descentralização da água e o consequente aumento da capilaridade do solo, que mudanças se podem esperar na paisagem e que benefícios poderá trazer à exploração?

A nova gestão do pastoreio já mostra melhorias claras na vegetação e biodiversidade. Esta tendência positiva continuará e melhorará ainda mais a infiltração da água, reduzirá a erosão e reforçará o equilíbrio hídrico global da terra. Se, nas próximas etapas, a retenção descentralizada de água for expandida e a população arbórea rejuvenescida, a exploração conseguirá construir a resiliência necessária para prosperar a longo prazo, mesmo em condições futuras desafiantes.

A Herdade da Pestana pode tornar-se uma mostra para o Montado do futuro.

Após os trabalhos de movimentação de terras (escavação de lagos e charcas, etc.), seguem-se as plantações de vegetação? Poderia explicar a zonagem da herdade resultante do projeto — em termos de futuros usos das várias áreas, espécies vegetais para aumentar a capilaridade e biodiversidade, e integração paisagística?

Qualquer movimentação de terras deve ser revegetada o mais rapidamente possível – idealmente com sementes locais ou com uma cultura de cobertura que apoie a regeneração natural da vegetação a partir do banco de sementes do solo. Além disso, recomenda-se frequentemente cobrir as áreas trabalhadas com uma fina camada de *mulch*, pois protege tanto o solo como as sementes em germinação.

Quanto a medidas adicionais em toda a área, só posso repetir-me: A retenção de água exige um vasto conjunto de medidas interligadas. Estas vão desde aumentar a infiltração, reduzir o escoamento superficial e a erosão, capturar chuvas intensas em lagoas de retenção – para armazenamento e infiltração – até práticas como recolha de orvalho, construção de solo fértil e criação de sombra. Incluem também melhorar a qualidade do pasto, ajustar os tempos de pastoreio para minimizar a compactação do solo e rejuvenescer e diversificar as populações arbóreas.

O mais importante é desenvolver uma abordagem específica ao local, adaptada a cada paisagem e gestor, já que não existe solução única. No caso da Herdade da Pestana, ainda é demasiado cedo para uma descrição detalhada, e tal discussão iria além do âmbito desta entrevista.

O que pode um agricultor esperar em termos de retorno de um investimento como este?

Antes de mais, é preciso ter muito cuidado com esta questão. Claro que os investimentos precisam de ter retorno – mas será realmente um “investimento”, ou antes uma questão de manutenção e cuidado, quando estou a “reparar” o solo, a vegetação e a gestão da água da minha terra?

Infelizmente, estes aspetos essenciais foram muitas vezes negligenciados ao longo das últimas décadas. Como resultado, surgiu uma lacuna que agora precisa de ser colmatada – tal como o problema das populações arbóreas envelhecidas. Fechar esta lacuna não é um investimento no sentido habitual, mesmo que tenham de ser alocados recursos, mas sim uma medida de reparação urgentemente necessária. Se não o fizermos, serão os nossos filhos e netos a pagar o preço.

Fui convidado várias vezes para contribuir em projetos de “desert greening”. Recusei sempre, porque acredito que os nossos recursos limitados não devem ser gastos a tornar verdes desertos já existentes, mas sim a garantir que regiões em risco não se tornem desertos em primeiro lugar. E por “desertos” não quero dizer apenas dunas de areia, mas também desertos agrícolas, desertos culturais, desertos alimentares – qualquer forma de empobrecimento que conduza à monotonia.

Enquanto as nossas paisagens culturais ainda existirem – enquanto a sua memória permanecer, ou, em termos biológicos, os seus bancos de sementes com ecótipos regionais, o seu microbioma, e assim por diante, estiverem pelo menos parcialmente intactos – a natureza, com o seu enorme poder regenerativo, pode restaurar quase tudo. Só precisamos de lhe dar uma pequena ajuda – e não atrapalhar. No fim, trata-se de nada menos que da “reparação do nosso futuro.”

E, de forma mais concreta: a Herdade da Pestana tem agora, para além de todos os outros efeitos positivos, mais pontos de água disponíveis para o seu gado – e acredito que isso, por si só, já justificou o esforço. ¶